



TERRITORIALIDADE DOS INDÍGENAS VENEZUELANOS WARAO NA AMAZÔNIA SUL OCIDENTAL DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: O caso de Rio Branco (AC)

Dival Vieira de Araújo Neto ¹
José Alves ²

Resumo

O presente texto tem como objetivo abordar a territorialidade dos indígenas Warao no Estado do Acre em momento de pandemia do novo coronavírus, com destaque para a capital Rio Branco. Metodologicamente se respalda na Geografia do trabalho e faz parte das reflexões da pesquisa de mestrado junto ao Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre (Ufac). Apresenta reflexões iniciais da dinâmica migratória, econômica e urbana dos Warao, recém-chegados na capital acreana, com suas estratégias de sobrevivência e o apoio assistencial das instituições governamentais e da sociedade civil.

Palavras-chave: Migração. Warao. Covid-19. Rio Branco, AC.

Resumen

El presente texto tiene como objetivo aborda la territorialidad de los indigenas Warao en el estado de Acre en momento de pandemia del nuevo coronavirus, con énfasis en la capital Rio Branco. Metodológicamente se sustenta en la Geografía del trabajo y es parte de las reflexiones de la investigación en maestría en el Posgrado en Geografía de la Ufac. Presentamos reflexiones iniciais sobre la dinámica migratoria, económica y urbana de los Warao, recién llegados a la capital del Acre, con sus estrategias de supervivencia y el apoyo asistencial de las instituciones gubernamentales y la sociedad civil.

Palabras-clave: Migración. Warao. Covid-19. Rio Branco.

Introdução

Os imigrantes venezuelanos indígenas Warao têm os primeiros registros de presença no Brasil no ano de 2014, com um grupo de 30 pessoas, no estado de Roraima, localizado geograficamente na fronteira com o estado de Bolívar/Venezuela. Ao passar dos anos a mobilidade espacial se acentuou com elevado número de pessoas que foram se deslocando pelo espaço geográfico, mas também pelo agravamento da crise socioeconômica de seu país.

As primeiras cidades que esses imigrantes ficaram acolhidos no Brasil foram Pacaraima e Boa Vista, no estado de Roraima, e Manaus (AM) e Belém (PA), que foram recebendo praticamente quase todos os dias um grande quantitativo de imigrantes de seus conterrâneos indígenas, mas também os não indígenas “criollos”.

¹ Mestrando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Acre - Ufac, voluntário na Pastoral do Migrante/AC. E-mail: divalnetto@hotmail.com;

² Professor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre - Ufac, E-mail: bairral@hotmail.com;



Com esse cenário de muitos imigrantes, em situação de vulnerabilidade social, decidem continuar o deslocamento pelo território brasileiro, com rota utilizada para chegar ao estado do Acre pelo percurso entre as capitais de RR-AM-RO e assim chegam na capital Rio Branco.

Este texto tem como objetivo abordar esta territorialidade dos venezuelanos indígenas Warao na Amazônia Sul ocidental durante a pandemia da Covid-19, de modo a compreender como se deu o processo de mobilidade espacial até a cidade de Rio Branco, bem como, suas estratégias de existência nesta nova localidade onde se encontram neste momento da Pandemia.

Aporte teórico

Com a crise socioeconômica e política que forçou “mais de 4 milhões de venezuelanos a deixarem seu país até o momento [2020], [...] fazendo com que essa seja uma das maiores crises de deslocamento no mundo atualmente” (ACNUR, 2020, p.1), constata-se que a partir desse cenário de emigração forçada, os venezuelanos indígenas e não indígenas começaram a sair de seu país natal e transpassar o limite fronteiriço para vários países por diversas rotas. Os indígenas Warao seguiram um caminho de migrar preferencialmente para o Brasil (figura 1), principalmente pela questão geográfica.

Desde o ano de 2014, ocorrem os primeiros registros de Warao em solo brasileiro e ao passar dos anos a crise aumentou e, conseqüentemente, a emigração se intensifica naquele país. Esse cenário fez com que milhares Warao que estavam temporariamente no estado de Roraima se deslocarem para outros estados da região Norte do Brasil como Amazonas, Pará, Rondônia e Acre e, posteriormente, para outros estados brasileiros. Além dos Warao, também há registros de presença de outras etnias indígenas venezuelanas no Brasil como: Pemon, E’ñepa, Kariña e Wayúu e em abril de 2021, o quantitativo dessas etnias juntas chegou a somatória de 5.799 pessoas e dessa totalidade, 69% é de indígenas Warao, com 4.001 indivíduos que estão em território brasileiro, conforme dados da ACNUR (2021).

Marlise (2020) explana alguns motivos desse deslocamento dos indígenas Warao para sair de Roraima e seguir para outros destinos no território brasileiro:

Dentre as razões alegadas para deixarem Boa Vista, destacam-se: 1) a propagação de discursos, inclusive pelos administradores do CRI, que desestimulavam as doações de dinheiro aos indígenas; 2) as condições de abrigo no CRI (Centro de Referência dos Imigrantes), sobretudo em virtude dos conflitos com venezuelanos não indígenas – os *criollos* – e da alimentação considerada insuficiente e pouco diversificada; 3) dificuldade em conseguir trabalho, e 4) concorrência para a venda de artesanato decorrente do alto número de indígenas na cidade. (MARLISE, 2020, p. 27).

A autora também demonstra em seu trabalho a mobilidade espacial do Warao no Brasil, a partir da elaboração de um mapeamento baseado em dados das instituições públicas como

pareceres antropológicos, noticiários e entrevistas com os indígenas nas cidades de Manaus e Belém, no ano de 2020. Assim estão distribuídos em 75 municípios de 23 estados e no Distrito Federal (figura 1).

Figura 1 : Distribuição espacial dos Warao no Brasil



Fonte: Marlise. A (2020)

Paul Singer (1998) discute as mobilidades espaciais a partir de resultados de processo de Fatores de Mudança e de Estagnação em um período capitalista recente. A respeito, podemos destacar que:

Os fatores de expulsão que levam às migrações são de duas ordens: fatores de mudança, que decorrem da introdução de relações de produção capitalistas nestas áreas, a qual acarreta a expropriação de camponeses, a expulsão de agregados, parceiros e outros agricultores não proprietários, tendo por objetivo o aumento da produtividade do trabalho e a conseqüente redução do nível de emprego. E fatores de estagnação, que se manifestam sob a forma de uma crescente pressão populacional sobre uma disponibilidade de áreas cultiváveis que pode ser limitada tanto pela insuficiência física de terra aproveitável como pela monopolização de grande parte da mesma pelos grandes proprietários. (SINGER, 1998, p. 37).

Singer (1998) também analisa os fatores de atração ao qual o migrante se desloca na perspectiva de melhoras de condições de vida, a partir da busca de um trabalho com a pretensão de melhores rendimentos salariais.

E trazendo essa discussão para a realidade dos Warao, os fatores de expulsão ao qual estão inseridos é o fim de programas sociais, fome, desemprego, mas também ações que o capital impõe como a exploração petrolífera realizada por empresa estatal e multinacional e também as construções de barragens nos rios localizados dentro de seus territórios para a



finalidade de expandir as atividades agropecuárias alicerçado na instalação de não indígenas na região, que consequentemente provocou o êxodo rural para as cidades venezuelanas e com a crise socioeconômica no país, ocasionou a mobilidade internacional. E no fator de atração para realizar a mobilidade para o Brasil é a busca de trabalho, venda de artesanato e a possibilidade de receber acolhimento governamental e da sociedade civil.

A partir da contribuição da Geografia do trabalho, Thomaz Junior (2018) aborda elementos do controle social que os trabalhadores estão sendo submetidos, a partir do que o capital impõe nas diversas consolidações de exploração e dominação:

Esses novos elementos de controle social e metabólico fazem com que os meios se tornem os fins últimos, de sorte que, por sua vez, os fins ontológicos da humanidade (produção de valores de uso) são transformados em meios subsumidos aos tais fins reificados. É, pois, encimada pela dinâmica metabólica, suas contradições e (des)construções territorialmente expressas nos desterreamentos, migrações, espoliações e demais formas de consolidação da exploração/dominação/sujeição e de controle social, que o capital impõe. (THOMAZ JUNIOR, 2018, p. 18-19)

Nesse sentido, Alves (2014) também aborda de forma dialética e crítica as ações do capital dentro das relações de trabalho, que na forma mercantilista, o sujeito se submete na troca sua força de trabalho pelo assalariamento. Portanto, sobre o controle do capital em relação ao trabalho, torna o trabalhador alienado, já que este necessita do trabalho para sobreviver e dessa forma, pode se a ver a precarização:

Portanto, a ação do capital transformando os processos de trabalho e seus resultados em valores de troca, submete o trabalho, de elemento humanizador, em elemento de dominação. Em outras palavras, não é o trabalho o agente de dominação, mas as relações sob o capital que o tornam condição de prisão do homem, já que o trabalho também se constitui condição para a emancipação humana. Assim, sob o modo capitalista de produção, contraditoriamente, o trabalho é transformado em algo alheio ao processo de emancipação do homem, exterior a si mesmo. O trabalho estranhado, alienado, separa o ser humano da sua condição de sujeito na relação homem-natureza e homem-homem, o que se materializa historicamente no distanciamento engendrado pelo capital entre o homem e os meios de produção, consubstanciando-se na propriedade privada, bem como na relação de assalariamento pelo processo de dominação entre sujeitos. (ALVES, 2014, p.98)

Na relação de subordinação da força de trabalho com o capital, Alves (2014) afirma:

Essa transformação de trabalho em força de trabalho pelo capital remete ao processo de transformar o trabalho, de trabalho livre, móvel, e tal mobilidade refere-se ao uso que o capital faz do trabalho (tanto na dimensão espacial, temporal e social de cada contexto de sua acumulação) em uma mercadoria necessária à sua valorização, sendo utilizada sob múltiplas formas. (ALVES, 2014, p.297-298).



Assim, o trabalhador (i)migrante se remete ao capital como força de trabalho de baixo custo, seja ela do trabalhador nacional, mas em especial do trabalhador migrante, porque muitas das vezes, de imediato, o que este consegue é um trabalho informal, principalmente se não tiver sua documentação regularizada.

Metodologia

A presente pesquisa, que faz parte das reflexões de mestrado junto ao Curso de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal do Acre, tem como fundamentação teórico-metodológicas a Geografia do trabalho, a pesquisa bibliográfica, as metodologias qualitativas como as visitas de campo nos abrigos mantidos pelo governo estadual e dos próprios indígenas na cidade de Rio Branco, capital do estado do Acre (Amazônia Sul ocidental). As atividades de campo contam com o apoio da Pastoral do Migrante e Cáritas que são organizações não governamentais pertencentes a diocese de Rio Branco (Igreja Católica) para a realização de observação *in loco*, registros fotográficos e entrevistas com os indígenas venezuelanos Warao.

Resultados e/ou discussões

Os indígenas Warao que chegaram em Rio Branco/Acre em meados de outubro de 2019, eram formados por um grupo familiar composto de 11 pessoas, a poucos meses do início da Pandemia do Coronavírus no País. Após percorrer uma longa rota, da cidade de Tucupita, capital do estado de Delta Amacuro (VEN), transpassar o limite fronteiriço venezuelano e chegam na cidade de Pacaraima (RR), primeira cidade brasileira no estado de Roraima, se deslocam até a capital Boa Vista (RR), depois se deslocaram para Manaus (AM) pela BR 319, indo até Porto Velho (RO). Outro momento foi quando seguiram pela BR 364 até chegarem à capital Rio Branco, isso em um trajeto de 3.293 Km, sendo a pé e de ônibus, durante um mês, conforme entrevista com uma das principais lideranças do grupo de indígenas Warao, realizada em 16 de julho de 2021 em Rio Branco.

Pesquisador: Como foi o deslocamento do seu país de origem à cidade de Rio Branco?

Lider Warao: Eu sou de Tucupita, Estado de Delta Amacuro e no ano de 2000, eu sair da minha comunidade e fui para a cidade e dentro da cidade, nunca pensamos em sair da cidade e vir para cá (Brasil) e em 2014, não tinham mais trabalho, não tinham o que comer para voltar à comunidade, não tinham comida, colheita, nada disso e por isso que muitos indígenas saíram e migraram para o Brasil

Pesquisador: E para outros países?

Lider Warao: Não, somente para o Brasil.

Pesquisador: E quando o senhor saiu da Venezuela?



Lider Warao: Eu sair da Venezuela para o Brasil em 2018 e depois voltei para a Venezuela, porque eu tinha casa, tinha televisão, e outros bens e vim para o Brasil em 14 de fevereiro de 2019, aí eu entrei para o Brasil para ficar. Eu fiquei 20 dias em Pacaraima (RR), 6 meses em Boa Vista (RR), 3 meses em Manaus (AM) e 2 dias em Porto Velho (RO).

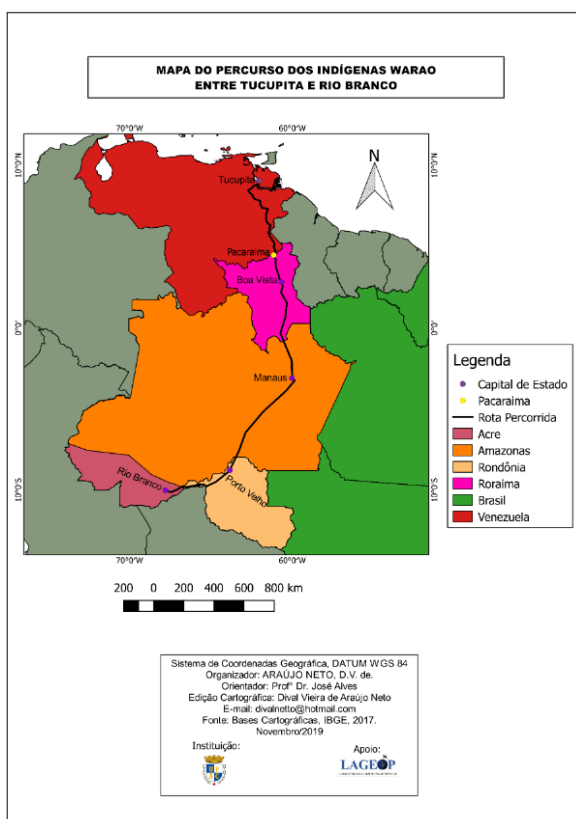
Pesquisador: Por que vieram para Rio Branco?

Lider Warao: Eu pensei que o Brasil era uma país pequeno como a Venezuela, Peru, Bolívia. Mas o Brasil é um país grande e os indígenas entraram por Pacaraima, Manaus e os indígenas foram para outros estados. Ficam 6 meses em um estado, depois, mais 6 meses em outro estado, passam 1 ano, depois vão para outro estado. Agora parte de minha família está em Brasília (DF). A gente veio de Manaus para Porto Velho e eu queria ir para Cuiabá, mas não tinham dinheiro e vir para o Acre, porque a passagem era mais barata, o valor era uns R\$ 100,00.

Sobre essa trajetória, o trabalho de Araújo Neto (2020) de conclusão de curso, acompanhou a trajetória desse primeiro grupo de 11 pessoas que chegou em Rio Branco (AC) e elencou as dificuldades desses imigrantes recém-chegados na capital acreana: (Mapa 1)

Os venezuelanos indígenas Warao têm a característica nômade, porém, estão sofrendo as mesmas dificuldades de diversos imigrantes, quando chegam no Brasil e, principalmente, no estado do Acre, no momento em que procuram um atendimento na rede de saúde, no CRAS, no terminal rodoviário, secretarias de governo e demais órgãos. Essas instituições não estão preparadas para atender esse público (ARAÚJO NETO, 2020, p. 94).

MAPA 1: Percurso dos Indígenas Warao entre Tucupita (VEN) e Rio Branco (AC)



Fonte: ARAÚJO NETO (2020)



No Estado do Acre, os Warao chegaram em grupos familiares, que é característica desse povo, e para se instalarem pagaram aluguel em apartamento de preço popular de R\$ 40,00 a diária, mas em condições insalubres, localizado Av. Epaminondas Jácome, região central de Rio Branco (figura 2). Entretanto, ao passar dos meses, constatou-se o deslocamento de mais famílias para Rio Branco e assim o espaço onde habitavam ficou pequeno. Como os indígenas não tinham recursos financeiros para pagar um local maior, acabaram ocupando um espaço abandonado (figura 3) ao lado desse apartamento nessa mesma avenida de Rio Branco.

Figura 2: Primeiro local de residência dos Warao em Rio Branco/AC



Fonte: NASCIMENTO, A. (2019)

Figura 3: Indígenas Warao abrigados em prédio abandonado em Rio Branco/AC



Fonte: arquivo pessoal. Maio de 2020

Com a situação difícil dessas famílias, o governo estadual foi obrigado a acolhê-las e levá-las para uma escola de ensino profissionalizante no bairro Cidade do Povo (figura 4), localizado à 30 km do centro da cidade. Essa mudança ocorreu após a fiscalização e pressão de instituições como Ministério Público Estadual e Federal, Defensorias Públicas Estadual e Federal, entre outras instituições públicas e da sociedade civil como Pastoral do Migrante, Cáritas, Conselho Indigenista Missionário (CIMI), entre outras. Portanto, teve que ser criada uma política emergencial para acolher os indígenas que praticamente chegavam quase todos os dias em Rio Branco, o que foi um desafio porque no Acre, nunca teve uma política estruturada para atender imigrantes indígenas.

Figura 4: Os indígenas Warao na escola Campos Pereira no bairro Cidade do Povo



Fonte: Arquivo Pessoal. Set. 2020

Entretanto, foi gradativa a mudança e após muito diálogo com os Warao, que foram aceitando a transição de local durante o ano de 2020, eles foram para uma escola no bairro Cidade do Povo. Após um ano, no mês de março de 2021, foram transferidos para a Chácara Aliança (figura 5), localizada também em Rio Branco (AC). Todavia uma família Warao, composta por cinco pessoas (pai, mãe e filhos), ainda continuava (setembro de 2021) residindo no prédio abandonado na região central da capital.

Conforme noticiado por Gadelha (2021) no sítio do jornal online G1Globo.

Há mais de um ano mantendo indígenas da etnia Warao, (...) da Venezuela, o governo do Acre alugou um novo abrigo para acomodar os estrangeiros. Os 65 índios estavam em um abrigo no bairro Cidade do Povo, em Rio Branco. Agora (03 abri. 2021), o

grupo foi levado para a Chácara Aliança, que também fica na capital acreana. (GADELHA, 2021, S/N)

Figura 5: Warao na Chácara Aliança sendo atendidos pela Pastoral do Migrante



Fonte: Arquivo pessoal: 07, Maio de 2021

A Chácara Aliança, localizada na Estrada do Aquiles Peret, bairro Jorge Lavocate, na cidade de Rio Branco (AC), foi o último abrigo, de um total de cinco abrigos, na história recente de mobilidade espacial de haitianos e senegaleses em maior quantitativo ocorrida entre os anos de 2010 à 2016. Este “último abrigo foi desativado no primeiro semestre de 2016, em razão de uma certa estabilidade na redução do fluxo de migratório não mais justificando o alto gasto para os cofres públicos dispensado com o aluguel da Chácara”. (MACEDO, 2016, p.77).

Entretanto, em 2021, já no contexto da Pandemia de Covid-19, a Chácara Aliança volta a ser abrigo de imigrantes, no caso os indígenas Warao. Segundo ACRE (2021), em maio de 2021 tinha 64 imigrantes abrigadas nesse espaço e não tiveram nenhum caso confirmado do Covid-19, muito diferente da realidade de outros estados brasileiros, como exemplo Pará e Amazonas que tiveram casos e mortes confirmados de Covid-19 entre os Warao.

Há noticiários sobre a presença dos Warao na mesorregião acreana do Vale do Juruá, mais precisamente no município de Cruzeiro do Sul, segunda maior cidade do estado do Acre. Conforme uma notícia vinculada por Assunção (2020) no sítio do Jornal online Ac24 horas:

O casal indígena Asunilio e Milda Sapata com cartazes na mão pedem ajuda. Não andam com crianças na rua e afirmam que os dois filhos, de 5 e 3 anos, estão em uma hospedaria, onde todos dormem. Eles dizem que ficarão um mês em Cruzeiro do Sul e que chegaram na cidade ‘porque em Rio Branco não havia ajuda. Precisamos alimentar as crianças por isso pedimos o dia todo no semáforo’. (ASSUNÇÃO, 2020, S/N).

A liderança Warao entrevistada confirma a mobilidade interna no Acre, mas também para outros estados do Brasil:



Pesquisador: Tem alguma família Warao que está em Cruzeiro do Sul?

Lider Warao: Não, no momento não tem nenhuma família em Cruzeiro do Sul, já foram embora para outros estados do Brasil.

Mesmo com o acolhimento na Chácara Aliança, e como nos abrigos anteriores, os Warao recebem alimentação, atendimento médico e entre outros atendimentos como regularização de documentação. Porém os indígenas Warao continuam indo para as principais avenidas da cidade de Rio Branco (figura 6) para realizar as coletas e assim custear algo que falta para consumo no abrigo, como por exemplo outros tipos de alimentos que não têm nas refeições disponibilizadas pelo governo estadual, além de buscarem enviar algum dinheiro para os familiares que ficaram em seu país de origem, “por meio de depósito internacional para uma conta de um banco da Venezuela, eu vou na lotérica para fazer essa transferência” (informação verbal). E assim o entrevistado também relata a estratégia de sobrevivência na cidade de Rio Branco (AC)

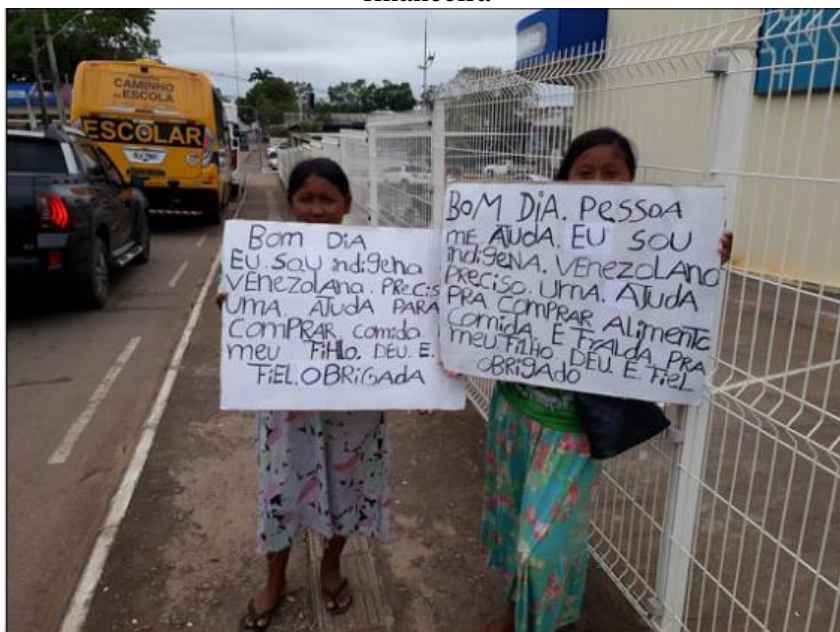
Pesquisador: Como sobrevivem aqui na cidade?

Lider Warao: Aqui não tenho trabalho, tenho que sair para a rua para pedir algo e comprar comida, eu estou falando a verdade, porque não vou mentir para você, então quando conseguimos R\$ 50,00 reais, mandamos para nossa família que está na Venezuela, e outro dia, se conseguimos R\$ 50,00 e compramos comida para a gente.

Pesquisador: Horário de saída e volta? quantas pessoas vão para a rua? Quanto consegue de recurso e para que?

Lider Warao: Vão 3, 4 pessoas, depende. Conseguimos uns 30, 40 reais, e pagamos táxi, é muito pouco e o restante é para comprar comida. Aqui no Acre, já acabou os indígenas no semáforo. A gente vai para as ruas umas 7h e ficamos até umas 10h.

Figura 6. Venezuelanas Indígenas Warao, em Rio Branco (AC) com cartazes pedindo ajuda financeira



Fonte: de novembro de 2019, publicada em Araújo Neto, 2020.



Quando perguntado como é ser migrante venezuelano Warao no Brasil, a liderança entrevistada responde:

Lider Warao: A maioria dos venezuelanos ficam só fazendo a coleta. Eu tenho conhecimento que os indígenas aqui no Brasil não trabalham, porque não tem trabalho, só fazem a coleta. Eu sei que no Brasil, tem 13 milhões de pessoas desempregadas e os venezuelanos indígenas, como que vamos conseguir trabalho? Primeiro que tem de conseguir trabalho é para o brasileiro.

Pesquisador: O que precisam para que possam viver melhor no Brasil?

Lider Warao: Eu tenho que conseguir um trabalho digno, pelo meu próprio suor, sem precisar do governo, com meus filhos na escola, eu conseguir pagar meu aluguel e não precisar ir pedir nas ruas e assim poderia viver digno, porque com meu trabalho pago meu aluguel, posso deixar dinheiro no banco e assim eu estaria feliz, mas eu não tenho trabalho, moro em um abrigo, como se fosse um preso, eu não tenho benefício do governo.

Historicamente, por serem considerados “povo da canoa” e possui essa ligação com os rios, os Warao têm a característica de serem pescadores, agricultores e também artesões, principalmente ligado a cultura do Buriti, que na região do Delta venezuelano é muito abundante, que serve como fonte de renda na confecção de artesanato, mas também, como alimento, no caso, a farinha.

E territorializados nos diversos estados do Brasil, temos exemplos de indígenas que conseguiram confeccionar artesanatos, conforme um caso noticiado por Carneiro (2020) no sítio do jornal online G1.Globo que relatou um caso em Belém (PA) de indígenas Warao com apoio de voluntários, conseguiram desenvolver e vender artesanato:

A venda de cestas, bijuterias e costuras típicas da etnia Warao estão tirando mulheres indígenas, refugiadas da crise da Venezuela, do trabalho nas ruas de Belém. Com o apoio de voluntários, uma marca foi criada para comercializar pelas redes sociais os produtos. Os primeiros colocados à venda, os slings para bebês, esgotaram rapidamente e já há mais de trinta pedidos (CARNEIRO, 2020, S/N).

E no caso de Rio Branco, por não ter apoio governamental e também, por não possuir material, no caso o buriti e as ferramentas para confecção, o trabalho com artesanato não logrou êxito conforme a entrevista com a liderança Warao: “[..] porque não temos material para fazer artesanato e no Acre não tem buriti” (informação verbal).

Portanto, na questão do trabalho, no caso dos indígenas Warao que estão em Rio Branco, tiveram a coleta como estratégia de sobrevivência e o apoio das governo e das organizações da sociedade civil enquanto estavam morando alugados ou vivendo nos abrigos.

Além dos abrigos disponibilizados para os Warao que decidiram ficar no Acre, o Governo do Estado instalou locais para acolher os venezuelanos não indígenas (*criollos*), haitianos em



maior quantitativo e diversas outras nacionalidades nas cidades de Rio Branco e Assis Brasil (cidade que localizada na fronteira trinacional com Peru e Bolívia). Entretanto esses respectivos locais servem como casas de passagem, pois os imigrantes acolhidos pelo governo, em sua grande maioria, querem ir para estados mais desenvolvidos ou saírem do Brasil.

Considerações finais

Os venezuelanos Warao estão nesse momento de pandemia da Covid-19 alojados e territorializados na cidade de Rio Branco, capital do Acre, com apoio do governo estadual. E mesmo com a assistência governamental e de entidades não governamentais da sociedade civil, os indígenas continuam a mobilidade pelo Brasil. Já na questão do trabalho ainda não teve uma proposta governamental concreta de uma inserção laboral para esses imigrantes, que mesmo em acolhimento e também pela questão cultural, continuam indo para as principais ruas e avenidas das cidades para realizar a mendicância como estratégia de sobrevivência.

Referências

ACNUR. **Relatório de atividades para populações indígena**. Edição 8, Mar. Abri 2021. Disponível em: https://www.acnur.org/portugues/wpcontent/uploads/2021/05/210527_ACNUR_Informativo_Indigena_mar-abr-21.pdf Acesso em: 13 mai. 2021

ACNUR. **“Nós deixamos tudo na Venezuela. Não temos um lugar para viver ou dormir e não temos nada para comer”**. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/venezuela/> Acesso em: 02 jul. 2021

ACRE (Estado). **Relatório de acolhimento de imigrantes venezuelanos Warao**. Secretaria de Estado de Assistência Social, dos Direitos Humanos e de Políticas para as Mulheres. Rio Branco. Maio de 2021.

ALVES, J. **As revoltas dos trabalhadores em Jirau (RO)**: Degradação do trabalho represada na produção de energia elétrica na Amazônia. 2014. 671 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente (SP).

ARAÚJO NETO, D. **O Estado do Acre como corredor internacional de mobilidade humana**: o caso dos indígenas venezuelanos Waraos na cidade de Rio Branco. 2020, 114 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Federal do Acre, Rio Branco, 2020.

ASSUNÇÃO, S. Venezuelanos chegam em Cruzeiro do Sul e pedem comida, roupas e fraldas nas ruas. **Ac24horas**, Cruzeiro do Sul, 14/01/2020. Disponível em: <https://ac24horas.com/2020/01/14/venezuelanos-chegam-em-cruzeiro-do-sul-e-pedem-comida-roupas-e-fraldas-nas-ruas/> Acesso em: 10. Mai. 2021

CARNEIRO, T. Indígenas venezuelanas refugiadas em Belém criam marca de artesanato e deixam de pedir dinheiro nas ruas. **G1.globo**, Rio Branco, 10/04/2021 Disponível em:



<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/10/indigenas-venezuelanas-refugiadas-em-belem-criam-marca-de-artesanato-e-deixam-de-pedir-dinheiro-nas-ruas.ghtml> Acesso em: 21 mai. 2020.

GADELHA, A. Com mais de 60 indígenas venezuelanos no AC, novo abrigo é alugado para estrangeiros que estão há um ano no estado. **G1.globo**, Rio Branco, 03/04/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2021/04/03/com-mais-de-60-indigenas-venezuelanos-no-ac-novo-abrigo-e-alugado-para-estrangeiros-que-estao-ha-um-ano-no-estado.ghtml> Acesso em: 05. Mai.2021

MACEDO, C. A. **Imigrantes Haitianos no Brasil: trajetórias e perspectivas**. Rio Branco: Universidade Federal do Acre, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, 2016. 97f. (Dissertação)

NASCIMENTO, A. Com 71 indígenas venezuelanos instalados em escola, AC vai construir abrigo fixo para acomodar Waraos. **G1. Globo**, Rio Branco, 11/12/2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2020/12/11/com-71-indigenas-venezuelanos-instalados-em-escola-ac-vai-construir-abrigo-fixo-para-acomodar-imigrantes.ghtml> Acesso: 10. Mai. 2021.

NASCIMENTO, A. Fugindo da fome, índios da maior etnia da Venezuela chegam ao AC após passar por 3 estados do Norte. **G1.globo**, Rio Branco, 19/12/2019 Disponível em: <https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2019/12/19/fugindo-da-fome-indios-da-maior-etnia-da-venezuela-chegam-ao-ac-apos-passar-por-3-estados-do-norte.ghtml> Acesso em: 20 mai. 2021

ROSA, M. **A mobilidade Warao no Brasil e os modos de gestão de uma população em trânsito: reflexões a partir das experiências de Manaus-AM e de Belém-PA**. 2020. 322 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Museu Nacional – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro (RJ).

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. 14. Ed. rev – São Paulo: Contexto, 1998.

THOMAR JUNIOR. A. Geografia do Trabalho por Inteiro. **Revista Pegada** – vol. 19. n.2. Maio-Agosto/2018.